

Midiatização de erros: bairros periféricos e favelas versus bairros nobres

Com a pandemia, pudemos observar como é forte e intensa a midiática sobre os “erros” dos periféricos e favelados, com julgamentos como se só essa população cometesse atitudes entendidas como “erradas”. Alguns questionamentos que nos levam a tentar compreender o porquê de nossa população periférica ser tão julgada enquanto outras, tendo a mesma atitude, não são.

Vale, a partir disso, repensar o preconceito relacionado à cultura favelada. Com alguns decretos diante do contexto pandêmico no Rio de Janeiro, festas e aglomerações ficaram proibidas. No entanto, em alguns pontos do Rio de Janeiro era, e ainda é, possível verificar festas clandestinas. Fato que é totalmente absurdo e irresponsável estar acontecendo: aglomerações em meio a tantas mortes. Enquanto escrevemos este artigo, batemos mais de 450 mil mortes vítimas do coronavírus no Brasil.

Diante desta realidade, compreendemos que sim, aglomerar na pandemia é, e tem sido, um grande erro, pois propensa a proliferar o coronavírus para mais pessoas. Porém, que respostas temos ao ver somente os bairros periféricos e favelados sendo julgados por seus erros e bairros nobres quase não sendo midiaticado, pouco julgados pelas mídias. Como exemplo, o cantor Belo fez um show na favela da Maré e logo depois foi preso por isso, com seu rosto exposto nos principais meios de comunicação. Não foi só o Belo colocado em cheque mas também toda a favela da Maré, como se só naquele território estivesse havendo

aglomerações. Nesse mesmo contexto, não vimos nenhum organizador de festas da Zona Sul aparecendo nos canais de TV, nem bairros nobres foram ridicularizados por terem focos de aglomeração, bem como aconteceu no Complexo da Maré.

A primeira morte no Rio de Janeiro por coronavírus foi de uma trabalhadora, empregada doméstica, moradora de Miguel Pereira e que possivelmente contraiu o vírus da patroa que testou positivo para o coronavírus após voltar de uma viagem da Itália. O que nos faz refletir, enquanto participante de um coletivo de moradores, que pensa em ações de solidariedade em seus territórios, voltadas à segurança alimentar e ao combate ao coronavírus para pessoas em situação de vulnerabilidade social, o quanto a falta de acesso à informação pesa sobre os corpos periféricos e favelados, onde mal chega saneamento básico, e acesso à informações significativas. Foram também, estes corpos, sempre colocados sob julgamentos nos grandes meios de comunicação, como “culturalmente” colocados à margem, como errados, “mal educados” por serem favelados e que “normalmente” também não seguiriam orientações de prevenção ao coronavírus.

Para além da questão cultural, é importante considerar que as questões de classe social perpassam sobre esses apontamentos. Acontece que as pessoas influenciadas pelas mídias consideram que moradores de favela, pessoas pobres, não são capazes de seguir orientações de cuidado consigo e com os outros. Ou até mesmo que são incapazes de terem responsabilidade individual ou coletiva. Um rapper, conhecido como Djonga, também foi muito criticado quando realizou um show na favela da Maré. Foram muitas as pontuações assertivas sobre o show, considerando a realidade da pandemia em nosso país, mas que não foram direcionadas na mesma intensidade para artistas que realizaram shows nas áreas ricas da cidade.

Caminhando em oposição a esta ideia preconceituosa, pré-estabelecida culturalmente sobre a população favelada e periférica, surgiram, em meio ao caos pandêmico, diversas redes de solidariedade dentro desses territórios, que contribuíram com informações e distribuíram cestas básicas, máscaras, álcool em gel, kits de higiene e de prevenção ao coronavírus, entre outros.

Transformando as narrativas construídas de forma preconceituosa sobre nós , que nos incluímos como “da periferia” , em novas narrativas, mostramos que sabemos nos organizar coletivamente pela nossa sobrevivência e de forma ainda mais eficaz do que aqueles que deveriam estar se responsabilizando por nossas vidas.

Sobre as autoras:

Suellen Souza - Graduação em Pedagogia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Bolsista Voluntária no grupo de pesquisa ‘Unidade de Educação Infantil Universitária: políticas e práticas para a infância’. Moradora do bairro de Cavalcanti, Zona Norte do Rio de Janeiro. Ativista e articuladora.

Kananda Ferreira - Moradora do Complexo da Maré/RJ, educadora em formação (Licenciatura em Pedagogia na UERJ - Universidade Estadual do Rio de Janeiro), escritora, fotógrafa e mãe.